

A SAÚDE ESTRANGULADA

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Sabino Fonseca, 52 anos, saiu cedo de João Pinheiro (MG) e enfrentou seis horas de viagem para internar o filho Valdomiro, 28, em um hospital psiquiátrico de Taguatinga. Joel dos Santos, 27, quebrou o omoplata e foi trazido de Cristalina (GO) por uma ambulância daquela prefeitura. O carro voltou a cruzar a divisa assim que largou o jovem no Hospital do Gama.

Na emergência do mesmo hospital, Vanda Muniz, 37, acompanha desde domingo o atendimento ao pai inválido, Artur, 78. Ele sofreu o terceiro derrame cerebral em casa, no Lago Azul (GO), e ocupa uma maca ao lado de Genoíno de Souza, que tem a mesma doença, e mora na mesma cidade.

Genoíno, Artur, Joel e Valdomiro não moram no Distrito Federal, mas é a Secretaria de Saúde da capital quem arca com a assistência e com as despesas que eles requerem. Para isso, recebe cerca de R\$ 7 milhões por mês do Ministério da Saúde.

O custo do dinheiro é calculado a base nos 1,8 milhão de habitantes do Distrito Federal. A conta ignora que — segundo a própria secretaria — pelo menos 30% dos atendimentos na rede hospitalar brasileira servem a pessoas de fora.

TIPO EXPORTAÇÃO

É gente que vem de Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Bahia. Estados que também recebem dinheiro do Ministério da Saúde, mas que exportam parte de seus doentes para Brasília. Entre janeiro e novembro de 1996, a rede hospitalar do Distrito Federal atendeu a 3,5 milhões de consultas — mesma quantidade registrada nos 12 meses de 1995. A secretária de Saúde, Maria José Maninha, estima que, somados os números de dezembro, o total de atendimentos no ano passado tenha ultrapassado 3,8 milhões.

“A Organização Mundial de Saúde diz que, em média, a pessoa procura atendimento médico uma vez ao ano. Nesse caso, atendemos a uma população que é o dobro da nossa. Temos estrutura para atender todos os moradores do Distrito Federal, mas enfrentamos problemas porque a demanda é muito maior”, avalia Maninha.

Nos corredores dos hospitais, as

queixas se misturam aos gemidos. Mas há quem não reclame. “O atendimento aqui é muito bom”, elogiou, na tarde de quarta-feira, Sabino Fonseca. Trazido por uma ambulância, ele ainda estava de bom humor após a viagem de seis horas. “Sempre venho aqui para me tratar e trazer parentes”, disse o funcionário público que conseguiu internar o filho no Hospital de Pronto-Atendimento Psiquiátrico, em Taguatinga.

No Hospital de Base (HBB), o maior da capital, ocorreram 199.380 atendimentos de emergência no ano passado. Desse total, 32.581 pacientes (16,34%) vieram do outro lado da divisa. Os maiores exportadores de doentes foram Goiás (26.911), Minas Gerais (2.508) e Bahia (1.900).

PELOS CORREDORES

Quem mais sofre com a sobrecarga é o Hospital do Gama, que assiste a 1,2 mil pacientes por dia. Trata-se do segundo hospital em número de atendimentos (perde para o HBB) e tem a emergência mais movimentada de toda a rede. “Aqui, a proporção de pacientes de fora chega a 60%”, afirma o diretor, Alexandre Gomes.

O peso do Entorno sobre o Hospital do Gama pode ser avaliado pelos registros de pacientes que deram entrada ontem na emergência entre zero hora e 11h. Na clínica médica e na cardiologia, 39 das 101 pessoas registradas moram fora do Distrito Federal (ou 38,6%). Na ginecologia, ortopedia e cirurgia, 63 dos 129 atendimentos serviram a moradores do outro lado da divisa (48,8%). Entre as 43 crianças examinadas pela pediatria, 21 (48,8%) vivem em Goiás.

Desde 1961, o Hospital do Gama não é reformado. Naquela época, estimava-se que o Distrito Federal chegaria ao ano 2000 com 400 mil habitantes. O governador Cristovam Buarque já autorizou a abertura de licitação para ampliar o prédio da instituição que, por falta de espaço, acolhe pacientes nos corredores.

“Aqui, pelo menos, estão dando atenção ao meu pai”, diz a vendedora Vanda Muniz, ao lado de Artur — imobilizado por causa do terceiro derrame. A família mora em Lago Azul, onde não há hospital. “Não sei quando ele terá alta”, completa Vanda em meio ao cheiro que caracteriza a sala, ocupada por cinco pacientes com incontinência urinária.

Fotos: Carlos Moura



No Hospital do Gama, Vanda Muniz acompanha o atendimento ao pai, Artur. Vieram de Lago Azul (GO) no domingo, depois que ele sofreu derrame cerebral